

# A OCORRÊNCIA HISTÓRICA DO LAZER: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA CONFIGURACIONAL

LEONCIO JOSÉ DE ALMEIDA REIS

Aluno do Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação Física  
da Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
E-mail: leojar\_edf@yahoo.com.br

Dr. FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI

Prof. Dr. da graduação e do Programa de Mestrado em Educação Física  
da Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
E-mail: cavicca@ufpr.br

FERNANDO AUGUSTO STAREPRAVO

Aluno do Programa de Pós-Graduação (doutorado) em Educação Física  
da Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
E-mail: fernando\_edf@yahoo.com.br

## RESUMO

*Entre os teóricos do campo do lazer a discussão sobre quando surgiu o lazer é ainda uma questão polêmica. Na tentativa de contribuir com esse debate, buscamos expor sinteticamente o ponto de vista de três autores relevantes no campo dos estudos do lazer no Brasil: Victor Melo, Christianne Gomes e Fernando Mascarenhas. Juntamente com isso e a partir de alguns apontamentos da teoria configuracional, procuramos refletir sobre a possibilidade interpretativa de se considerar a busca da excitação e da renovação emocional como algo que não surge somente com a rígida divisão dos tempos sociais, não sendo, também, exclusividade das sociedades mais complexas estabelecidas após a Revolução Industrial.*

*PALAVRAS-CHAVE: Lazer; surgimento do lazer; teoria configuracional.*

## INTRODUÇÃO

Entre os teóricos do lazer, do ponto de vista conceitual e interpretativo, a discussão sobre quando surgiu o lazer é ainda uma questão polêmica. O debate teórico travado entre os estudiosos sobre a origem histórica do fenômeno – muito bem diagnosticado nos trabalhos desenvolvidos por Gomes (2003, 2004) – é ainda um tanto controverso.

Embora nem sempre seja discutido de maneira sistematizada, o surgimento do lazer quase sempre permeia as obras que abordam o tema lazer. Com o intuito de aprofundar a discussão a respeito dessa problemática questão, optamos por debater o ponto de vista apresentado por três referências teóricas relevantes no que se refere aos estudos do lazer: Victor Andrade Melo, Christianne Luce Gomes e Fernando Mascarenhas<sup>1</sup>, oferecendo como possibilidade interpretativa para essa questão algumas reflexões elaboradas com base na teoria configuracional. Fundamentando-se nessa teoria, apresentaremos alguns argumentos que exploram a hipótese aventada por Gomes (2004) de que o lazer pode não ter surgido com o advento da Revolução Industrial.

## A OCORRÊNCIA HISTÓRICA DO LAZER

De acordo com a sistematização apontada por Gomes (2003, 2004), duas correntes opostas dividem as opiniões quanto à controversa questão sobre o surgimento do lazer. Inseridos na primeira corrente estão autores que consideram que o lazer existia nas sociedades mais antigas e que, portanto, sempre existiu (De GRAZIA, 1966; MUNNÉ, 1980; MEDEIROS, 1975). Do lado oposto, autores que entendem o lazer como um fenômeno moderno, com origem marcada nas modernas sociedades urbano-industriais (DUMAZEDIER, 1979; MARCELLINO, 1983; MELO; ALVES JUNIOR, 2003; MASCARENHAS, 2005)<sup>2</sup>.

Optando por não se filiar a nenhuma dessas correntes, Gomes argumenta que precisar cronologicamente o surgimento do lazer é uma tarefa um tanto quanto complexa. Para ela, da mesma forma que as manifestações e práticas culturais que

- 
1. legemos esses nomes tendo como base um levantamento publicado por Reis, Cavichioli e Stare-pravo (2008) no qual são listados pesquisadores vinculados a grupos de pesquisas de lazer no Brasil e que têm, comparativamente, uma elevada produção científica no campo do lazer. Além dos três autores selecionados para o estudo, somam-se os pesquisadores Nelson Carvalho Marcellino e Gisele Maria Schwartz, todos com ampla produção acadêmica.
  2. Acrescentamos este último a essa corrente por conta própria, já que o pesquisador não figura na classificação originalmente elaborada por Gomes (2003, 2004).

fluíam a seu tempo e modo em períodos antigos da história não podem ser simplesmente igualadas e compreendidas como uma versão clássica do lazer moderno, o lazer não pode ser interpretado como um fato exclusivo da modernidade, com data de nascimento no século XVIII.

Para alguns teóricos – diz ela – o surgimento do lazer é associado a essa época em virtude, principalmente, das transformações decorrentes do processo da Revolução Industrial, destacadamente àquelas que levaram à rígida e nítida delimitação da jornada de trabalho. Segundo a autora, essa delimitação da jornada de trabalho acabou distinguindo nitidamente o tempo de trabalho do tempo de não trabalho, ou seja, distinguindo o tempo de trabalho do tempo livre (dentro do qual o tempo de lazer estaria inserido). Embora não considere que o lazer tenha surgido nessa época, ainda assim a autora destaca a importância das transformações que ocorreram nesse período e que foram “decisivas para que o lazer, entre outras dimensões da vida, fosse revestido de características próprias, configurando-se da forma como conhecemos hoje” (GOMES, 2003, p. 61-62). Alerta que “é demasiado arriscado definir, com exatidão, o momento histórico em que o lazer se configura na sociedade ocidental” e sugere que “conhecer e considerar as peculiaridades [...] de outras realidades que compõe a nossa história pode fornecer expressivas contribuições para apreendermos o processo de constituição do lazer” (GOMES, 2004, p. 138).

Em seu livro intitulado *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*, publicado em 2000<sup>3</sup>, cuja primeira parte é inteiramente dedicada à pesquisa sobre a ocorrência histórica do lazer, Gomes procura analisar os diversos sentidos atribuídos a palavras e conceitos associados a lazer – tais como *scholè*, *otium* e *licere* – da Antiguidade clássica à modernidade, tendo como ponto de partida o modo de vida e os ideais construídos na Grécia antiga.

Numa obra mais recente – o segundo volume do livro *Lazer e cultura*, intitulado *Lazer e trabalho* (2005) – Gomes traz passagens importantes que ampliam as possibilidades interpretativas sobre a ocorrência histórica do lazer. Ao debater essas questões em sua obra, a autora cita diversas manifestações culturais que aconteciam nas sociedades mais antigas e que poderiam fornecer alguns elementos para pensarmos a existência do lazer nesses períodos: as olimpíadas, competições, encenações teatrais e declamações poéticas na Grécia; os banhos públicos, banquetes, festas, representações teatrais, corridas de carros e combates de gladiadores em Roma; e os

---

3. Informamos que as produções científicas dessa pesquisadora traziam, até o ano 2000, o sobrenome Werneck. É somente a partir desse ano que a autora passa a assinar seus trabalhos com o sobrenome Gomes.

feriados religiosos, jogos, cantos, festas, comemorações e carnavais na Idade Média, onde “sagrado (sério e oficial)” e “profano (cômico e risonho)” se contrastavam.

Referindo-se às manifestações culturais na Grécia, a autora diz que:

Em geral, quando as heranças gregas são consideradas nas discussões sobre o lazer, os autores que debatem o assunto não se debruçam sobre os significados das práticas culturais como as citadas anteriormente. Na maioria das vezes, são estabelecidas reflexões sobre o ócio, o que nos remete ao termo grego *skholé*, que também é de grande valor para a compreensão do processo de constituição (GOMES, 2005, p. 44).

Partindo dessa observação realizada pela autora, paira no ar um questionamento com relação ao debate sobre surgimento do lazer: será que ao discutirmos essa questão não estamos conferindo demasiada importância aos significados e às noções atribuídas a palavras possivelmente similares, tais como *ócio*, *licere*, *otium* e *schole*, em vez de nos concentrarmos nos significados das atividades propriamente ditas, como aquelas citadas anteriormente? Será que ao nos pautarmos exclusivamente nos significados atribuídos a essas palavras não estaríamos negligenciando, do ponto de vista interpretativo, certos tipos de manifestações culturais, como aquelas que não poderiam ser identificadas por esses termos, mas por outros, e que seriam mais condizentes com o que hoje denominamos lazer?

Peguemos como exemplo o teatro, uma das manifestações citadas anteriormente. É consenso tanto do ponto de vista dos intelectuais que discutem o lazer quanto dos indivíduos das sociedades urbanas avançadas em geral que, se uma pessoa está assistindo a um espetáculo teatral na condição de espectador, logo ela está desfrutando de uma atividade de lazer, e num período de tempo também de lazer (período de tempo específico dentro de sua rotina diária). Nesse caso, o ato de assistir a uma peça teatral é imediatamente identificado, sem dificuldades, como uma experiência de lazer.

Pois bem, pensemos agora sobre o passado histórico dessa atividade, como os tradicionais espetáculos de tragédia realizados nos teatros gregos durante a Antiguidade clássica. Nessa outra situação não sabemos ao certo se os gregos poderiam utilizar uma frase equivalente para dizer, de maneira análoga à nossa, que o grego que estava assistindo a uma tragédia o fazia num “momento de lazer” ou que a tragédia em si era uma “atividade de lazer”. No entanto, poderíamos afirmar seguramente que eles não empregariam “*schole*” – palavra mais próxima ao termo lazer nessa época – para descrever esses momentos, pois, como Gomes e também os demais autores que virão adiante nos mostram em suas investigações, os significados dessa palavra são outros. Todavia, independente do termo utilizado hoje e ontem para designar essas atividades não estaríamos afinal a falar de atividades muito semelhan-

tes? Atividades que oferecem sensações parecidas àqueles que a usufruem? Hoje e antigamente os indivíduos não estariam procurando-as por motivos emocionais bastante próximos?

O que queremos sugerir com essa pequena exemplificação é que parece, pelo menos ao se observar a revisão bibliográfica verificada por Gomes (2005), que a discussão do surgimento do lazer pode estar muito amarrada à origem histórica de palavras relacionadas ao lazer e seus significados (*otium, schole, licere* etc.), e isso estaria dificultando e até mesmo impedindo, de certa forma, uma análise mais densa sobre o passado do lazer.

Inserimos agora ao debate alguns pontos abordados no livro *Introdução ao lazer*, dos autores Victor Andrade Melo (um dos selecionados para este estudo) e Edmundo de Drummond Alves Junior (outro professor da área da educação física). Publicado em 2003, o livro traz inicialmente reflexões sobre o surgimento do lazer enquanto fenômeno social na sociedade moderna. Para isso, os autores traçam uma breve análise relacionando as concepções de tempo livre e tempo de trabalho presentes nas sociedades mais antigas. Segundo eles, formas de diversão sempre existiram nas sociedades humanas, contudo, o que hoje reconhecemos e denominamos cotidianamente por lazer é uma construção social moderna, cujo surgimento deriva de circunstâncias e contextos sociais específicos.

A contínua busca de formas de diversão não significa ter sempre existido o que hoje chamamos por lazer, na medida em que tais formas de diversão guardam especificidades condizentes com cada época, que devem ser analisadas com cuidado. Por certo, existem similaridades com o que foi vivido em momentos anteriores – e mesmo por isso devemos conhecê-los –, mas o que hoje entendemos como lazer guarda peculiaridades que somente podem ser compreendidas em sua existência concreta atual. O fato de haver equivalências não significa que os fenômenos sejam os mesmos (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p. 2).

Para Melo e Alves Junior (2003, p. 2) é “somente a partir de determinado momento da história que se começa a utilizar a palavra lazer para definir um fenômeno social; antes, outras palavras denominavam outros fenômenos similares mas não iguais”.

Os autores afirmam que com o surgimento da indústria e com a mudança nos modos de produção (destacadamente com a Revolução Industrial) é estabelecida a rígida divisão do tempo de trabalho. Nessa época, as novas rotinas diárias passaram a ser demarcadas obrigatoriamente pela jornada de trabalho, o que determinaria claramente a distinção entre o tempo que o trabalhador dedica à produção e o tempo de não-trabalho. Concluem, então, que era nesse contexto que surgia o que hoje conhecemos como lazer.

Os autores apontam que o processo de adequação das camadas populares ao novo modelo de trabalho não foi fácil e nem pacífico. Descontentes com a situação, as classes trabalhadoras começaram a se organizar e a reivindicar seus direitos, fato que poderia colocar em risco o novo sistema que estava sendo construído. Alarmadas com essa possibilidade, as classes burguesas passaram a se preocupar com os momentos de não-trabalho, que eram cada vez maiores em virtude das lutas e das conquistas operárias, pois acreditavam que eram nesses momentos, principalmente durante as atividades de lazer, que as camadas populares se reuniam e criavam estratégias de luta e resistência. Nesse contexto, as camadas populares, sofrendo com as restrições e imposições determinadas pela classe dominante, buscavam recuperar ou manter seus tradicionais estilos de vida principalmente nos momentos de diversão, ou seja, nas atividades de lazer. Era uma forma de resistência que exigia por parte da burguesia, na defesa de seus interesses, o estabelecimento de estratégias de contra-resistência.

O moderno fenômeno do lazer, portanto, segundo Melo e Alves Junior (2003), foi gerado a partir de uma clara tensão entre as classes sociais, envolvendo um processo contínuo e complexo de tentativa de controle das classes populares pela burguesia e também, ao mesmo tempo, de resistência entabulada pelas classes populares a essa tentativa de dominação<sup>4</sup>.

É também nesse mesmo período histórico que o lazer surge segundo a interpretação de outro autor, Fernando Mascarenhas, que afirma:

A ruptura com o ritmo "natural" de trabalho, uma imposição peculiar ao capitalismo industrial, como não poderia ser diferente, implicou numa verdadeira revolução do tempo social, opondo tempo livre e tempo de trabalho. A possibilidade de alternância contínua dos momentos de trabalho e não-trabalho começa a ser suplantada. Nesta direção, a produtividade expressa pela nova disciplina do relógio torna-se a grande inimiga do ócio, invadindo a esfera do tempo livre e buscando conciliá-lo ao trabalho. É então neste movimento de administração do tempo livre, de peleja contra os valores, hábitos e comportamentos inerentes ao ócio, que podemos localizar o aparecimento do lazer, fenômeno condizente com a ideologia da sociedade industrial (MASCARENHAS, 2005, p. 230).

Em resumo do que foi discutido até aqui pelos autores cujas pontos de vista estão sendo considerados, temos, de um lado, Fernando Mascarenhas e Victor Andrade Melo, pesquisadores que conferem existência ao lazer somente à moder-

---

4. Essa discussão sobre o surgimento do lazer na era moderna e a constante tensão e luta entre as classes sociais é explicitada no artigo Melo (2001), no qual o autor dialoga, principalmente, com as ideias de E. P. Thompson.

nidade, com data de nascimento num momento histórico muito particular, fruto das tensões e transformações sociais promovidas pelo que hoje chamamos Revolução Industrial; na outra ponta temos Christianne Luce Gomes, pesquisadora que não tem o mesmo entendimento dos outros autores, pois, segundo seus indícios, o lazer já existia antes mesmo do referido marco utilizado por eles – a revolução nos modos de produção fabril. Afirma que “**é duvidoso definir, com exatidão, o momento histórico em que o lazer ‘surge’ em nossa sociedade**” (GOMES, 2005, p. 38).

Sem pretensões de esgotar o debate e de resolver essa indefinição quanto ao surgimento do lazer, oferecemos, a partir desse momento, algumas **reflexões elaboradas a partir de preceitos e conhecimentos oriundos da teoria configuracional**. São reflexões formuladas por um viés interpretativo não contemplado pelos autores selecionados e que podem prestar algumas contribuições para o entendimento dessa questão.

Analisando a questão pelo viés configuracional, poderíamos sugerir que **apontar precisamente quando o lazer surgiu talvez fosse realmente uma tarefa complexa** e por demais arriscada, como bem nos alerta Gomes (2004). Expliquemos melhor essa afirmação.

De acordo com a teoria configuracional, um fenômeno que ocorre no seio da sociedade não pode nem deve ser compreendido de maneira estática, como se as relações sociais que formam essa sociedade fossem imutáveis, formando-se instantaneamente de uma hora pra outra, mas sim como **resultado de uma longa e intensa cadeia de modificações sociais que se produzem e se transformam ao longo dos tempos**. Assim, compreender um fenômeno social que é visivelmente percebido em um determinado período histórico exige que se compreenda que ele é **fruto de um processo contínuo, por vezes demasiadamente** longo, que sofrendo avanços e recuos nem sempre caminha na mesma direção – não-linear, por assim dizer.

Para essa matriz teórica, as modificações que decorrem de um processo social de longa duração não podem ser interpretadas como consequência de planos racionais e ações deliberadas de indivíduos ou grupos sociais específicos. Não é possível conceber, por exemplo, que **um processo que atravessa gerações resulta em uma configuração social intencionalmente pensada**, que foi anteriormente planejada por um indivíduo ou grupo isolado. Nem por isso se pode afirmar que tais modificações sejam desordenadas ou caóticas, muito pelo contrário, seguem uma ordem específica e por mais que, em alguns casos, sejam forçadas por fenômenos físicos, procedem sempre de atos humanos, sejam eles intencionais ou não, cabendo a nós, pesquisadores do âmbito das ciências sociais, analisar, descobrir e relatar como isso ocorre (ELIAS, 1993, p. 193-195).

Nesse sentido, não há preocupação para os pesquisadores figuracionais em assinalar um marco zero pra esses tipos de processos, pois embora tenham lá seus avanços e recuos, são observados sempre como algo contínuo e em constante modificação. Isso fica muito evidente quando nos deparamos com as análises sociológicas de Norbert Elias sobre o tempo (ELIAS, 1998), a linguagem (ELIAS, 1994), e também, principalmente, as mudanças nos padrões de comportamento e de autocontrole decorrentes do processo civilizador (ELIAS, 1993). O autor defende nessas obras que não é possível assinalar de forma pontual o início desses processos, nem apontar com certeza absoluta o seu fim, e nos alerta que intentar fazê-lo nada mais é do que uma forma de nos sentirmos mais tranquilizados para traçar processos investigativos.

Ao analisar o livro que é a principal referência dentro dessa vertente teórica, a abordar o tema lazer (ELIAS; DUNNING, 1992) notaremos que, de modo coerente ao que acabou de ser apresentado, a procura por um primórdio absoluto para o surgimento do lazer nunca esteve, de fato, em pauta de discussão no livro – a questão sequer é debatida, muito embora sejam fornecidos indícios de que o lazer seja constitutivo de diversas sociedades e em diversos períodos históricos, como tentaremos demonstrar adiante. De qualquer modo, podemos propor que seria incompatível aos preceitos teóricos dessa vertente imaginar a existência de um período no qual, de um instante para o outro, o fenômeno tenha simplesmente aparecido como algo completamente novo, sem qualquer antecedência histórica.

Podemos afirmar que para essa corrente teórica, sendo o lazer compreendido como um fenômeno social que faz parte de uma longa e intensa cadeia de processos sociais, a busca por suas raízes históricas estaria voltada não para a descoberta de um marco decisivo, mas para a compreensão de como esse processo cego se foi constituindo no decorrer da história da humanidade, de como e por que algumas de suas características permaneceram ao longo dos tempos enquanto outras desapareceram, de como se foi transformando e se adaptando ante as modificações sociais ao mesmo tempo em que provocava ou facilitava essas modificações.

Há de se concordar com todos os pesquisadores do lazer mencionados anteriormente – Melo, Mascarenhas e Gomes – quando apontam que o lazer, da forma como hodiernamente o reconhecemos, se distingue em muitos aspectos do que antigamente poderia ser chamado de lazer. A distinção é, às vezes, tão grande que muitos estudiosos do lazer são levados justamente por isso a separar o lazer de seu passado histórico, entendendo-o como algo puramente novo.

Contudo, mesmo levando em conta as profundas transformações que se processaram durante a Revolução Industrial, tentaremos, ao focalizar essa questão pela

óptica configuracional, trabalhar com algumas reflexões em torno da possibilidade de pensarmos o lazer como algo que não surge com o advento da modernidade. A ideia é questionar um argumento bastante utilizado, como afirma Gomes (2005), pelos defensores da tese de que o lazer surge com a Revolução Industrial: o aparecimento da nítida divisão entre tempo de trabalho e tempo de lazer provocado pela rígida delimitação da jornada de trabalho.

Tentando refletir sobre esse argumento, apresentaremos a seguir uma possibilidade de compreensão de como as modificações na forma de regulação temporal da conduta humana estiveram relacionadas com as mudanças nos padrões de percepção temporal, o que nos levará a entender que a delimitação temporal das atividades humanas não ocorreram exclusivamente a partir da Revolução Industrial. Em seguida, buscaremos expor alguns indícios colhidos na obra de Elias e Dunning que tornam mais clara sua compreensão sobre a ocorrência histórica do lazer, e também apresentar o modo como essa questão poderia ser pesquisada e discutida com base no aporte teórico fornecido pela teoria configuracional.

A demarcação de início e fim de atividades laboriosas já existia, ainda que de forma imprecisa, em períodos anteriores à instituição do relógio como divisor dos tempos sociais. Muito embora não existisse nenhum instrumento mecânico que regulasse os períodos de trabalho, a percepção do homem sobre o tempo estivesse condicionada “a circunstâncias naturais, como o clima, a alternância das estações do ano, do dia e da noite, das marés”, e o ciclo de atividades laboriosas estivesse irregularmente presente no cotidiano, alternando momentos de atividade intensa e de ociosidade (THOMPSON, 1998, p. 271), pode-se afirmar que ainda assim existiam outros acontecimentos regulares que serviam de base para a determinação das tarefas ligadas ao trabalho. Consequentemente, da mesma forma, existiam parâmetros temporais para a determinação e regulação de atividades externas ao trabalho, tais como as diversões, as festas e outras atividades lúdicas, que estavam igualmente inseridas no cotidiano, mas que também se subordinavam às necessidades básicas de sobrevivência.

Numa passagem de seu livro *Sobre o tempo*, extraindo um exemplo de uma etnia africana essencialmente agrícola, Elias (1998) revela-nos como a percepção e administração do tempo passam a se modificar com o desenvolvimento da agricultura. Nessa sociedade tribal, a época boa para a sementeira era determinada e anunciada a toda população por um sacerdote, o qual tinha a obrigação permanente de observar as estações. O sinal para o plantio era dado quando o sacerdote observava que o sol, ao nascer, aparecia atrás de uma montanha específica. Existia também outro mecanismo muito simples para regulação do tempo e demarcação das atividades: um pote no qual era depositada diariamente uma concha, e com isso,

a partir da observação de quão preenchido estava o pote, formava-se a noção de quanto tempo havia se passado. Quando o pote estivesse totalmente cheio, dava-se início a certos tipos de atividades. Percebe-se nessa sociedade que tanto o tempo de iniciar as atividades do plantio quanto o tempo de celebração e de comemoração – cuja principal determinante era a colheita – também eram instituídos. Assim, é possível afirmar que, do mesmo modo que o tempo de empreender esforços coletivos para a produção de alimentos era determinado externamente – no caso, pelo sacerdote, cujo parecer estava submetido às condições impostas pela natureza –, o tempo de comemorar e celebrar a colheita também o era.

O desenvolvimento da agricultura é um bom exemplo de como as diversas atividades sociais e individuais se interligavam e mantinham uma constante dependência e uma estreita relação com a percepção temporal do tempo, embora, cabe ressaltar, tal relação se estabelecesse de maneira muito mais flexível do que a observada nos períodos posteriores, já que não existiam dispositivos que pudessem dividir o tempo (do dia, do mês e do ano) em escalas regulares com a mesma exatidão que hoje observamos. As intempéries climáticas e o reconhecimento de períodos cíclicos para o plantio e colheita exigiam dos homens, de suas famílias e de suas tribos uma postura até certo ponto disciplinada, pois só assim poderiam melhor atender às suas necessidades de obter o próprio alimento – de sobrevivência propriamente dita (ELIAS, 1998). E assim, completado um ciclo de trabalho, os homens entregavam-se às festividades e às orações, aos cultos e aos sacrifícios, enfim, a toda sorte de rituais e manifestações culturais lúdicas que marcavam a identidade de seu povo.

O ponto central a ser enfatizado é que a maneira de determinar o tempo, assim como o ato de fazê-lo, tem funções muito específicas para uma dada realidade social, no sentido de orientar e regular o comportamento de grupos e indivíduos e sincronizar, de certa forma, suas atividades. Por isso, embora não fossem o relógio e o calendário com suas unidades abstratas os responsáveis por decretar o tempo em que deveriam ser realizadas as diversas atividades que preenchiam o cotidiano de sociedades pré-industriais, existiam outros parâmetros temporais – nesse caso, muito mais elásticos e imprecisos, como os movimentos do sol, da lua e das estrelas, ou um pote com conchas – que por fim as demarcavam.

Todavia, não se pode incorrer no erro de equiparar esses momentos festivos e de não-trabalho presentes na sociedade primitiva com o que hoje costumeiramente se designa “tempo de lazer”. Até porque as percepções temporais são comparativamente distintas nessas duas sociedades, sendo a divisão muito mais complexa e muito mais regulada nas sociedades atuais. É por isso que, pela óptica figuracional, como defendem Elias e Dunning (1992), devemos compreender as atividades de

lazer, assim como as diversas atividades que estão inevitavelmente arraigadas em nosso cotidiano – como as necessidades fisiológicas, as obrigações familiares, o atendimento das imposições sociais e o próprio trabalho –, não só pelo período de tempo ao qual são constantemente associadas e remetidas, mas pelas peculiaridades exclusivas de tais atividades, pelas características únicas que lhes conferem formatos sociais únicos e que nos permitem diferenciá-las umas das outras<sup>5</sup>.

Entendemos que o advento da modernidade traz, sim, profundas alterações nos formatos dos divertimentos, dos jogos, dos passatempos e de outras manifestações lúdicas das sociedades humanas, e que representa, como nos esclarece Gomes (2003), o momento em que se dá efetivamente a institucionalização do lazer, ou seja, o momento no qual o lazer passa a ser percebido e sistematizado como fenômeno e prática social. Entretanto, ao partirmos de uma análise interpretativa configuracional, podemos pensar na possibilidade de não considerar que o lazer simplesmente tenha surgido em um determinado período histórico, ou rever a hipótese de que as atividades de lazer contemporâneas não possuam elementos que se relacionam com aquelas do passado.

Se empregarmos o referencial teórico proposto por Elias e Dunning (1992) para a interpretação do lazer, notaremos que o ingrediente fundamental das práticas de lazer observado pelos autores – a excitação agradável, prazerosa – está presente em diversos tipos de atividades lúdicas, divertimentos, jogos e passatempos das mais variadas sociedades. Tanto é que a mais antiga referência utilizada pelos autores para a compreensão dos problemas do lazer é Aristóteles, cujas reflexões à sua época sobre os efeitos da música e do drama para a sociedade grega tinham como elemento central o conceito de *entusiasmo* e *catarse*<sup>6</sup> – conceitos que fundamentam a explicação da busca da tensão-excitação sugerida pelos autores.

Os autores reconhecem que muitas atividades do passado estariam para as sociedades que as produziam tais como as atividades de lazer contemporânea para as nossas sociedades. Afirmam eles: “os combates de vida ou de morte entre gladiadores, ou entre animais selvagens e seres humanos, representaram na sociedade romana um papel comparável ao das corridas de cavalos, desafios de futebol ou torneios de tênis, nas sociedades atuais” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 98).

5. É o que os autores Elias e Dunning (1992) esboçam no modelo denominado espectro do tempo livre, separando e agrupando as diversas atividades desenvolvidas pelos seres humanos em agrupamentos conceituais que reúnem as suas similaridades.
6. Segundo Elias e Dunning (1992, p. 123), a palavra *catarse* “derivava do conceito médico utilizado me ligação com o expulsar de substâncias nocivas do corpo, com a limpeza do corpo por meio de uma purga. Aristóteles sugeriu que, num sentido figurado, a música e a tragédia provocavam algo similar nas pessoas”.

Tomando a tensão-excitação como central na orientação de determinadas condutas humanas, os autores concluem que:

Poucas sociedades humanas existem, se é que existe alguma, que não possuam um equivalente às nossas atividades de lazer, que não tenham danças, confrontos simulados, exhibições acrobáticas ou musicais, cerimônias de invocação dos espíritos – em resumo, sem instituições sociais que proporcionam, por assim dizer, a renovação emocional por meio do equilíbrio entre os esforços e as pressões da vida ordinária, com as suas lutas a sério, os perigos, os riscos e os seus constrangimentos.

Além da tensão-excitação agradável, podemos verificar que outros elementos destacados pelos autores como componentes fundamentais das atividades de lazer – a sociabilidade, a mobilidade e o mimetismo – estão presentes tanto nas atividades contemporâneas quanto nas mais antigas. Esses elementos podem, por exemplo, servir de ponte para elucidações teóricas sobre as semelhanças e diferenças entre os diversos tipos de divertimentos, jogos, passatempos e demais atividades lúdicas presentes em diferentes sociedades ao longo da história humana.

Utilizando-se do método sociológico configuracional, uma possibilidade interessante de pesquisa seria partir do pressuposto de que as atividades de lazer contemporâneas têm equivalência com os divertimentos e as manifestações lúdicas do passado e, a partir disso, compreender numa perspectiva de longo prazo o modo como certas atividades de lazer se transformaram, o modo como se modificaram em compasso com as alterações nos padrões sociais estabelecidos.

Nesse sentido, um olhar atento às diversas modificações e restrições que ocorreram ao longo dos tempos nos tipos de divertimentos praticados e/ou aceitos socialmente traz descobertas esclarecedoras. A alteração nos níveis de sensibilidade à violência, por exemplo, é um fator que alterou ou extinguiu certos tipos de divertimentos:

Ao comparar as atividades de lazer contemporâneas com as dos primeiros estádios, pode notar-se facilmente que apenas sobreviveram aquelas que conseguiram adaptar-se à repugnância normalmente muito forte dos seres humanos em relação à possibilidade de infligirem ferimentos físicos aos outros. Durante séculos, os combates de gladiadores, ou entre seres humanos e animais ferozes, constituíram um divertimento apreciado pelas populações urbanas do Império Romano, e as diversões medievais da queima dos gatos, a suspensão pública na forca ou a luta de galos teriam, provavelmente, desencadeado um diminuto prazer às audiências contemporâneas, e poderiam ser sentidas por algumas pessoas como algo intolerável e horrível (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 70).

Partimos então, conclusivamente, para algumas diminutas considerações sobre o que foi abordado neste texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o surgimento do lazer ainda não é, e talvez nunca seja, interpretado da mesma forma por aqueles que se têm dedicado a estudar o fenômeno. Não existe uma posição consolidada e finalmente aceita, ao menos pela maioria, sobre o momento histórico no qual se pode situá-lo. Além disso, o enfoque dado pelos autores, ou melhor, a profundidade da abordagem observada nas pesquisas, revela que o interesse intelectual/acadêmico em debater essa questão varia bastante.

Não é nosso objetivo, e ambicioso demais seria, encerrar esta discussão anunciando um modelo teórico fixo e acabado que atenda a todas as nossas indagações sobre o surgimento do lazer. Buscamos, além de relatar o modo como os autores selecionados compreendem o surgimento do lazer, oferecer uma alternativa interpretativa para essa questão apoiados na teoria sociológica configuracional.

Muito embora tenhamos nos apoiado em alguns pressupostos da matriz teórica configuracional para refletirmos sobre a possibilidade de o lazer não ter emergido a partir da Revolução Industrial, cabe considerar que esse ponto de vista não está explicitamente colocado na principal obra de Elias e Dunning (1992) sobre o lazer. Além do mais, toda a análise construída pelos autores é realizada tendo como base as sociedades contemporâneas, ou seja, as elucidações acerca do lazer como atividade de renovação emocional são teorizadas levando-se em consideração a sociedade altamente rotinizada e previsível em que vivemos. Contudo, entendemos que isso não invalida as discussões aqui apresentadas, pois como tentamos demonstrar anteriormente, há uma série de indícios e afirmações desses autores que nos permite deduzir que para eles a busca de satisfação prazerosa por meio de atividades específicas que provoquem certas alterações nos estados emocionais não é exclusivo das sociedades contemporâneas. Em outras palavras, como os próprios autores colocam:

Tanto quanto se vê, as atividades de lazer enquanto área social de libertação das restrições do não lazer podem encontrar-se nas sociedades em todos os estádios de desenvolvimento.

Os festivais a Dionísio dos antigos gregos – a excitação religiosa ou “entusiasmo”, como Aristóteles lhe chamou – e os carnavais das comunidades medievais constituem exemplos (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 104).

No tocante aos objetivos centrais deste estudo, além de compreender a posição adotada por cada um desses autores, o que também nos interessa é avaliar o rumo das pesquisas com relação ao ponto abordado. Entre os pesquisadores selecionados, Gomes é a única que aprofunda a análise sobre a questão e, embora não apresente uma solução definitiva ao impasse – nem é essa sua pretensão, dada a complexidade do tema –, reúne e discute sistematicamente os

divergentes pontos de vista apresentados, agregando também os conhecimentos oriundos de suas pesquisas, o que colabora indubitavelmente com o avanço qualitativo da discussão.

Quanto à pertinência de pesquisas com esse teor, enfatizamos a **necessidade de empreender mais estudos e ampliar o diálogo sobre o tema** apresentado, pois embora optar por um ou outro argumento que defenda ou não o surgimento do lazer em certo momento histórico não seja determinante à edificação de alguns tipos de pesquisas no âmbito do lazer, é fundamental que teóricos e pesquisadores dos estudos do lazer tomem nota das implicações histórico-sociais envolvidas na constituição e delimitação desse fenômeno.

### The emergence of the leisure: reflections from the configuration perspective

*ABSTRACT: Among the theorists of the field of leisure, the discussion about when the leisure appears is still a controversial issue. In an attempt to contribute to this debate, we explain briefly the views of three authors of relevant studies in the field of leisure in Brazil: Victor Andrade Melo, Christianne Luce Gomes and Fernando Mascarenhas. Along with this and from some notes of the configurational theory, we will reflect about the interpretative possibility of considering the search of excitement and renewal emotional as something that comes not only with the rigid social division of time and is not also exclusive of more complex societies established after the Industrial Revolution.*

*KEYWORDS: leisure; emergence of leisure; configurational theory.*

### La aparición de la ocio: reflexiones desde la teoría configuracional

*RESUMEN: Entre los teóricos del campo del ocio, el debate acerca de cuándo aparece el ocio sigue siendo un tema controvertido. En un intento por contribuir a este debate, explicamos brevemente las opiniones de los tres autores de los estudios pertinentes en el campo del ocio en Brasil: Victor Andrade de Melo, Christianne Luce Gomes y Fernando Mascarenhas. Junto con esto y de algunas notas de la teoría configuracional, vamos a reflexionar sobre la posibilidad interpretativa de considerar la búsqueda de excitación emocional y la renovación como algo que viene no sólo con la rígida división social del tiempo y además no es exclusivo de las civilizaciones más complejas establecido después de la Revolución Industrial.*

*PALABRAS CLAVES: El ocio; la aparición de ocio; la teoría configuracional.*

#### REFERÊNCIAS

DE GRAZIA, S. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 249p.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. V. 3. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 307p.

ELIAS, N. *Teoria simbólica*. Trad. Paulo Valverde. Lisboa: Celta, 1994. 149p.

\_\_\_\_\_. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 165p.

\_\_\_\_\_.; DUNNING, E. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. 389p.

GOMES, C. L. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

\_\_\_\_\_. Lazer – ocorrência histórica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 133-141.

\_\_\_\_\_. *Lazer e trabalho*. Brasília: Sesi/DN, 2005. 104p.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e humanização*. Campinas: Papyrus, 1983.

MASCARENHAS, F. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. 2005, 307f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MEDEIROS, E. B. *Lazer: necessidade ou novidade?* Rio de Janeiro: Sesc, 1975.

MELO, V. A. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 4-19, 2001.

\_\_\_\_\_.; ALVES JUNIOR, E. D. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

MUNNÉ, F. *Psicossociología del tiempo libre: um enfoque crítico*. México: Trillas, 1980.

REIS, L. J. A.; CAVICHIOLLI, F.; STAREPRAVO, F. Research groups for leisure: Authors and their scientific production. *The FIEP Bulletin*, v. 78, p. 32-35, 2008.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WERNECK, C. L. G. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Celar, 2000.

Recebido: 27 set. 2008

Aprovado: 23 fev. 2009

Endereço para correspondência  
Fernando Augusto Starepravo  
Rua Pedro Huck, 46 – Uberaba  
Curitiba-PR  
CEP 81550-230

Fernando Renato Cavichioli  
Rua Frei Francisco Mont'Alverne, 263, sobrado 02 – Jd. das Américas  
Curitiba-PR  
CEP 81540-410

Leoncio José de Almeida Reis  
Rua Aníbal Requião, 715, casa 8 – Xaxim  
Curitiba-PR  
CEP 81810-370